

PSICANÁLISE: UMA ÉTICA DO DESEJO

Sérgio Scotti

Lacan dizia que a única coisa da qual se pode ser culpado, pelo menos da perspectiva analítica, é de ter cedido de seu desejo (LACAN, 1991, p. 385). Mas que desejo é esse de que falava Lacan? Será o desejo sexual de que também falava Freud (1973, p.343-720), onipresente em nossos sonhos, mesmo que de maneira disfarçada?

O desejo sexual, como Freud (1973, p. 2748-2751) e Lacan (1999, p.185-220) nos mostraram, é sempre conflituoso, na medida em que seus primeiros objetos são objetos proibidos. Daí decorre que todos os objetos substitutivos de nosso desejo comportem algo de conflituoso. Dito de outra forma, o desejo pode provocar angústia, todo desejo na sua origem comporta algo de recusado pelo sujeito.

Mas então, por que Lacan nos diz que podemos ser culpados por ceder de nosso desejo, se nós próprios recusamos em alguma medida esse desejo?

É que de qualquer forma somos responsáveis por ele, mesmo que inconsciente, somos responsáveis pelo nosso desejo.

O que significa dizer que somos responsáveis pelo que desejamos, mesmo que este desejo seja inconsciente? Em última instância, isso significa dizer que o inconsciente faz parte de nós e que, talvez, ele seja mesmo a nossa própria essência, nosso ser ou nosso não-ser (LACAN, 1991, p. 385).

Desde a invenção da psicanálise, Freud nos colocou diante de uma realidade que altera definitivamente a concepção que temos do homem e de sua dimensão ética, dimensão que não pode mais recusar, deixar de lado a dimensão do desejo inconsciente.

Retomando a metáfora do “iceberg” em que a maior parte de nosso ser se encontra submersa nas profundezas do inconsciente, qualquer ética que não leve em

conta a dimensão do desejo inconsciente, é uma ética no mínimo superficial, para não dizer enganosa, o que em termos éticos já é uma falha de princípio.

A partir de Freud, o homem se vê diante do fato de que não é soberano dentro de sua própria casa, que não é dono de seus motivos mais profundos e de que pode se enganar quanto ao sentido de suas ações. Diante dessa realidade, qual a posição possível do homem diante da questão ética que, segundo Lacan (1991, p. 373), trata do juízo que o homem faz de suas ações? Como vimos, obviamente, esse juízo não pode mais deixar de considerar a questão do desejo, mesmo que ele seja inconsciente. Daí, a questão ética que nos coloca Lacan: “Agiste conforme o desejo que te habita?” (LACAN, 1991, p. 376).

O tabu do incesto, fundador da cultura, nos coloca um limite que segundo Lacan, opera através do que ele chamou de metáfora paterna, operador simbólico que através da linguagem, nos separa da mãe natureza e nos torna seres falantes e desejantes. Essa mesma cultura nos oferece uma série de objetos na dimensão do ter que buscam amenizar a nossa irremediável *falta-a-ser*. A ética tradicional por sua vez, segundo Lacan, trata do serviço dos bens, ou seja, a ética do ter que mede a estatura moral do sujeito segundo suas posses ou segundo a depreciação do desejo, a modéstia, a temperança, ou seja, a moral do poder, do *status quo*, que quanto ao desejo, segundo Lacan (1991, p.377-378), vocês podem ficar esperando sentados.

Um dos sintomas atuais de nossa cultura diante desse dilema, crise ética mesmo eu diria, é o que se tem chamado de mal do século, a depressão. Junto de tantos outros sintomas tratados pela psiquiatria com toda plethora de psicofármacos, que o serviço dos bens coloca a disposição do sujeito contemporâneo, como as síndromes do pânico, os transtornos bipolares e os déficits de atenção, a depressão é um caso exemplar de como o sujeito é colocado diante da questão ética, a partir da pergunta: “Agiste conforme o

desejo que te habita?” Pergunta que, inevitavelmente, se coloca para qualquer sujeito como vimos a partir do momento em que o discurso sobre o inconsciente se fez presente na cultura em função da psicanálise inventada por Freud.

Nenhum sujeito hoje em dia pode fugir a essa questão, mesmo que segundo Lacan,

[...]ao longo desse período histórico, o desejo do homem, longamente apalrado, anestesiado, adormecido pelos moralistas, domesticado por educadores, traído pelas academias, muito simplesmente refugiou-se, recalcou-se na paixão mais sutil, e também a mais cega, como nos mostra a história de Édipo, a paixão do saber (LACAN, 1991, p. 388-389).

Ou talvez, a paixão do não querer saber, a paixão da ignorância como diz Lacan (1985, p. 164), junto ao ódio e o amor, as outras duas paixões humanas. A paixão da ignorância, do não querer saber que, paradoxalmente, se mostra num “tudo querer saber” através da internet, da mídia, da ciência médica que poderia nos dar a pílula da felicidade: seja feliz, bonito, rico e sempre jovem.

Mas não vamos dourar a pílula: na depressão, o sujeito desiste de tudo isso, a vida não tem mais sentido. E ele tem razão: não há nenhum sentido na vida a não ser aquele que damos a ela. Contudo, ao mesmo tempo, o depressivo se engana, o vazio que ele sente não é aquele dos bens que deixaram de fazer sentido, mas o do desejo que ele não reconhece em si mesmo. Ele é culpado, é verdade, mas não por aquilo de que se culpa. Ele é culpado por ter cedido de seu desejo e também da angústia que muitas vezes o acompanha, pois como vimos no início, todo desejo humano é conflituoso ou, ao menos, está fadado à insatisfação na medida em que é desejo de outra coisa, segundo a fórmula de Lacan (1999, p. 418), ou seja, é sempre o desejo por algo substitutivo ao objeto proibido. Mais do que isso, objeto impossível, na medida em que, enquanto seres, falantes, nunca alcançamos aquilo que demandamos, ou seja, o que alimenta o desejo é justamente a falta daquilo, daquela última palavra que diria o que desejamos. Pois afinal, alguém pode dizer o que realmente deseja?

O que podemos fazer, a partir de Freud, ou melhor, o que temos a fazer é, ao menos, nos interrogarmos sobre o nosso desejo. É a isso o que nos conduz uma ética do desejo, noutras palavras, a psicanálise.

Portanto, poderíamos dizer que o remédio que a psicanálise propõe para a depressão e outros males da nossa atualidade, é o desejo. Na verdade, que nos interroguemos sobre o nosso desejo. Mais do que isso, que nos façamos responsáveis por nosso desejo e que possamos então, responder à questão: “Agiste conforme o desejo que te habita?” Ou, pelo menos, “Queres agir conforme o teu desejo?” Pois, cuidado, os desejos podem se realizar!

Mas novamente surge a questão: como podemos responsabilizar-nos por um desejo do qual nada sabemos, que é inconsciente? Como poderíamos orientar nossas ações segundo um desejo que nós próprios desconhecemos?

Esse questionamento faz lembrar uma historieta de Sartre (1987, p. 10, 11), confrontado pela dúvida de um jovem aluno, à época da invasão alemã na segunda guerra mundial. O jovem pergunta ao filósofo se deveria partir para alistar-se, ou se deveria permanecer junto à mãe que só tinha a ele. Diante da dúvida do jovem aluno que não conseguia decidir entre as duas possibilidades de ação igualmente importantes para ele, Sartre lhe diz que não poderia ajudá-lo a decidir-se, pois o jovem só poderia conhecer o sentido de sua ação, julgá-la, após realizá-la.

Ou seja, seria num só depois que o jovem aluno poderia dizer do sentido de sua ação. Poderíamos dizer que, em que pesem as divergências do existencialismo com a psicanálise, Sartre agiu como um psicanalista. Noutros termos, ele colocou o sujeito diante da questão: “Qual é teu desejo?” E mesmo que o jovem não pudesse responder à questão de antemão, se ele só pudesse dizer qual fosse seu desejo, após realizar a ação, ele não estaria livre de responder à questão: “Agiste conforme teu desejo?”.

Ele poderia tranquilizar-se com a decisão tomada ou arrepender-se, mas só num depois. Isso lembra a questão da dúvida do obsessivo que evita escolher, já que toda escolha implica em alguma perda, coisa da qual o obsessivo não quer nada saber (DOR, 1994, p. 105-109) o que nos leva de volta à dúvida do jovem aluno.

Também nesta situação está implicada a questão da perda. Qualquer que fosse a decisão tomada, haveria uma perda, cabia a ele e a mais ninguém a escolha, cujo sentido somente se revelaria após o ato. Momento de extrema solidão em que o sujeito se vê, sem escapatória, diante de si mesmo enquanto sujeito responsável por suas escolhas, mesmo que essa escolha fosse justificada por motivos atribuídos a um Outro como o dever à pátria ou o dever filial que no fim, são a mesma coisa.

Entretanto, essa historieta, embora ilustre bem a dificuldade em que se coloca o sujeito diante de duas opções igualmente importantes e a posterioridade do sentido da escolha feita, ainda não nos revela totalmente a questão do desejo implicada aí. Será que o desejo do sujeito já estivesse presente no momento da dúvida, em estado latente, ou esse desejo era ainda informe e só pudesse ser reconhecido a partir da ação, da escolha efetuada? Haveria uma precedência natural do amor filial sobre o dever à pátria ou este poderia superar o primeiro em função do compromisso com os companheiros de luta?

A questão da precedência do desejo sobre a ação ou o seu contrário, se resolve em Lacan (1962), a partir do uso que o mesmo faz da fita de Möbius em que as duas superfícies da mesma, unidas em suas pontas, após uma ligeira torção, mostram uma continuidade entre o dentro e o fora, o em cima e o embaixo, o exterior e o interior e por consequência, o passado e o presente.

Poderíamos dizer então, a partir de uma continuidade entre desejo e ato, que a escolha é um desejo em ato, ou não, que o ato é uma recusa do desejo, o que nos leva de novo à questão: o ovo ou a galinha? Na verdade, escolha, ato e desejo são

indissociáveis, seja uma afirmação do desejo ou uma recusa dele, o que só poderá ser decidido num depois, pois o desejo aceito ou não, só se revela no presente, o próprio desejo inconsciente, ele está sempre no presente, ele só conhece o presente, como dizia Freud (1973, p. 343-720), mas ele acontece em outra cena.

Essa outra cena é o inconsciente, que é sempre coalescente ao consciente conforme ilustra a fita de Möbius e essa outra cena, não nos furtaremos a nomeá-la, é o infantil. O desejo infantil está sempre presente em nossas ações, é o “beabá” da psicanálise. E podemos recusá-lo mesmo que seja inconsciente? Mesmo que ele não seja adequado à nossa condição de adultos, mesmo que ele tenha que encontrar substitutos que, muitas vezes, não nos sejam, tão favoráveis assim?

A Psicanálise, inventada por Freud, inaugurou uma nova ética que nos faz, responsáveis, inclusive, pela criança que habita em nós e, que nos faz agir, algumas vezes, de forma “irresponsável”. Pois o que dizer de algumas formas de comportamento do homem moderno, baseadas em ideais fundamentalmente narcísicos? A busca frenética pelo poder, pelos bens do capital, pela eterna beleza, o gozo descartável que coloca em risco a sobrevivência da própria espécie e do planeta, nos faz responsáveis até mesmo pelo lixo, pelos restos que cada um produz e pelo destino que se dá a eles.

Mas o que isso tem a ver com o desejo? O desejo se opõe ao gozo, mobilizado pela pulsão que é sempre de morte como nos diz Lacan (1990, p.168). O gozo que se busca, afinal, é sempre o gozo de ser que se perde quando se entra no mundo da linguagem e que encontra seu limite na demanda e no desejo. O desejo faz limite ao gozo, pois diferente deste, o desejo pressupõe o Outro, o desejo é o desejo do desejo do Outro. O gozo enquanto gozo de ser, nega o Outro, pois busca a negação da falta-a-ser (LACAN, 1999, p. 476) que caracteriza o ser falante.

O gozo de ser é solitário, autista mesmo, em seu lugar surge o gozo fálico, parcial, temperado pelo desejo. É claro que o gozo fálico é sempre insatisfatório, pois que parcial, a não ser no outro gozo d'A mulher de que fala Lacan (1985, p. 87-104), no entanto, é o gozo a que temos acesso quando desejamos, pois desejar já implica necessariamente a falta, desejamos o que nos falta e ao sermos faltosos, incompletos, não podemos ser.

Na atualidade, entretanto, se busca o ser pelo ter, pela posse dos bens que são, na verdade, um arremedo do ser que nos falta. Ou então, de uma forma mais direta, o gozo de ser se obtém através do uso das drogas que amenizam o mal estar em nossa cultura, na civilização. Mal estar que não se resolve desse modo, pois ele é inerente à cultura e ao próprio humano que é caracterizado pela falta quando este entra no mundo do significante.

Então, para além da dimensão inconsciente de nosso desejo que não nos tira a responsabilidade dele, a questão que nos coloca Lacan, “Agiste conforme teu desejo?”, também nos coloca diante da responsabilidade pelo mal estar que advém da falta, a qual nenhum, bem, posse, ou realização humana será capaz de elidir, pois é, a partir dela mesma que nos tornamos humanos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

DOR, J. *Estruturas e clínica psicanalítica*. Rio de Janeiro: Taurus Editora, 1994.

FREUD, S. La interpretación de los sueños. In: **Obras Completas de Sigmund Freud**. (v. 1, 3ª. ed) Madrid: Biblioteca Nueva (Texto original publicado em 1900), 1973.

_____. La disolución del complejo de Edipo. In: **Obras Completas de Sigmund Freud**. (v. 3, 3ª. ed) Madrid: Biblioteca Nueva (Texto original publicado em 1924), 1973b.

LACAN, J. (1972-1973). **Livro 20: mais ainda**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

_____. (1959-1960). **Livro 7: A ética da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.

_____. (1962) **Livro 9: A Identificação**. (inédito).

_____. (1957-1958). **Livro5: As formações do inconsciente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

SARTRE, J. P. O existencialismo é um humanismo. In: **Os pensadores**. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

SOBRE O AUTOR

Sérgio Scotti. Psicanalista. Professor associado na graduação e pós-graduação do Departamento de Psicologia da UFSC. Coordenador do Núcleo de Estudos em Psicanálise. Autor do livro “A Estrutura da Histeria em Madame Bovary”.